

“AS PRÁTICAS TRADICIONAIS DE CURA POPULAR E O PATRIMÔNIO CULTURAL DO NOROESTE DO PARANÁ: A BENZEÇÃO E SEUS RITUAIS (1940-1950)”.

*MENDES, Janaina (FAFIPA-Rede Estadual de Ensino)**

O interesse por esse período específico (ou seja, as décadas de 40 e 50), no Brasil, toma como referência alguns acontecimentos ocorridos em São Paulo posteriormente no Paraná, justamente por se tratar de um período que a medicina científica disputou o espaço de atuação na área de saúde com os curandeiros, este que por sua vez foram considerados charlatões ou criminosos pelo simples fato de utilizarem-se dos conceitos populares de saúde / doença e por realizarem práticas populares de cura, na época consideradas ilegais.

Na tentativa de adentrarmos o universo dos curandeiros, nos baseamos no procedimento da história oral, ou seja, na entrevista com fonte documental para nos auxiliar na coleta de informações sobre o tema de nossa pesquisa. Como afirma: Thompson “Ser bem sucedido ao entrevistar exige habilidade. Porém há muitos estilos de entrevista que vão desde a que se faz sob forma de conversa amigável e informal até o estilo mais formal”.¹

A partir dos anos 40, passando pelo período subsequente, notamos que vários setores da sociedade traziam em seu discurso alguma crítica ao subdesenvolvimento e uma promessa de superá-lo.

A super valorização do trabalho e do trabalhador, o combate ao ócio, a noção de disciplina e organicidade estavam no auge, chegando a ser motivo de destaque principalmente em produções culturais de época, como na música, no cinema, etc. Assim as transformações culturais, sociais e políticas da sociedade brasileira estiveram a todo o momento, relacionada com as mudanças que vinham acontecendo nas décadas de 40 – 50, pois significava os pontos centrais no projeto da classe dominante, com vistas a inserir o país nos quadros da expansão do capitalismo no

* Janaina Mendes – Especialista em História do Brasil – FAFIPA e Professora da Rede Estadual de Ensino.

¹ THOMPSON, Paul. A voz do passado: história oral. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

ocidente. Foi justamente neste contexto de reorganização da sociedade brasileira e do trabalho disciplinando que se desenvolveram a prática popular de cura.

Em primeiro lugar é necessário destacarmos que a atividade dos curandeiros é algo que está enraizado há tempos na cultura popular. Podemos citar sua existência desde a Antiguidade, passando pela Idade Média, quando muitos destes tiveram sua existência interrompida por serem considerados pela Inquisição como bruxos e malfeitores. Posteriormente, eles passaram a ser objetos do controle social exercido por interesses políticos e econômicos na sociedade ocidental, inclusive na brasileira.

Neste sentido, como bem o lembra a autora Elda Rizzo de Oliveira, o “ofício da benção” deve ser compreendido sob dois enfoques:

(...) como um modo de curas, (...) como um instrumento de intervenção no processo histórico social, ainda que ela não o faça de forma consciente e crítica. Tal ofício é produzido e reinventado nas estreitas brechas do saber erudito e à sua revelia, quando este tenta impor-lhe a sua visão de mundo como se ela expressassem as necessidades da sociedade em seu conjunto.²

Não podemos deixar de considerarmos o fato de que a benção está correlacionada à religião, até porque durante o ritual dos curandeiros, estes sempre se utilizam de uma oração, das imagens de santos, água benta, rosário, etc. No entanto isso não significa que esteja vinculada única e exclusivamente ao catolicismo. Muito pelo contrário existem relações outros simbolismo do Umbanda, Candomblé. Elda Rizzo Oliveira, destaca:

O modo como cada profissional encaminha a sua benção releva a sua formação religiosa e sua visão de mundo, da qual a sua benção é uma das expressões. No ato da benção, cada pessoa que benze revitaliza determinados símbolos sagrados. Esses símbolos passam uma dada, visão do aprendido que pode ser reconstruído não como símbolos soltos e dispersos, mas como símbolos que permeiam a produção social da vida e as relações entre as pessoas, dando significado as ambas.³

Dessa maneira, percebemos a que diversidade envolve a prática dos curandeiros, seu campo de atuação e sua legitimidade. Assim também são variáveis as

² OLIVEIRA, Elda Rizzo de. Eficácia simbólica de cura e razão analógica. Disponível em <<http://www.ipetrans.hpg.ig.com.br>> Acesso e, 02 set. 2003.

³ OLIVEIRA, Elda Rizzo de. Eficácia simbólica de cura e razão analógica. Disponível em <<http://www.ipetrans.hpg.ig.com.br>> Acesso e, 02 set. 2003.

modalidades religiosas de profissionais populares da benção e significativos os modos como se apresentam é como posicionam frente à utilização de recursos terapêuticos, financeiros, necessários ou de decorrentes de suas praticas.

É notório perceber que esses profissionais populares de cura construíram uma relação direta com os oprimidos ao longo de suas vidas e no contexto social que envolve esses seguimentos – O Curandeirismo e o seu cliente – por atuarem justamente num campo de saúde que dantes era considerado próprio da medicina formal.

Justamente por fazer parte da cultura popular das pessoas é que ocorre maior identificação por partes das mesmas com essa prática que foi se estendendo cada vez mais, ampliando seu campo de atuação.

O curandeirismo é uma prática de existência longínqua, visto que desde a Antiguidade, o conflito saúde / enfermidade já existia para toda espécie de ser vivo. Na pré-história, o homem parecia agir muitas vezes, instintivamente, como os animais no tratamento de suas doenças.

Durante o período medieval, o ofício de curar as pessoas, por meios que não se enquadravam nos preceitos da Igreja, foi muito combatido pelo Tribunal do Santo Ofício.

Podemos citar que essa forma de controle social realizada pela inquisição foi uma maneira encontrada para frear essa atividade desenvolvida por pessoas consideradas social e economicamente fora dos padrões exigidos na época. Essa situação era interpretada como uma afronta aos valores definidos pela Igreja, que em contrapartida criaram medidas drásticas como prisões, torturas e mortes, para excluir essas pessoas do convívio social.

Na Época Moderna, muitas correntes populares existentes, viram-se soterradas pelas fogueiras que queimavam feiticeiras, judeus, heréticos. Foi um período que marcou a ruptura violenta entre o universo popular e o erudito transformando a feiticeira de aldeia – a quem todos recorriam e com a qual conviviam diariamente sem temores – em um inimigo a exterminar.

Podemos perceber então que o curandeiro era uma pessoa respeitada pela vila ou comunidade onde morava. Sua presença era requisitada em diversos casos, inclusive nos de enfermidades, A crença nessas pessoas decorria do “valor moral” que possuíam, e também das qualidades especiais que adquiriam com o tempo.

A procura de profissionais populares de cura, estava relacionada também com a praticidade dos remédios que receitavam. Eles sabiam identificar doenças comuns e receitar remédios para elas, recorrendo ao vasto conhecimento acumulado ao longo do tempo sobre as plantas. Sua forma de tratamento deixaria as feridas livres de unguentos prejudiciais, permitindo-lhes uma recuperação natural.

Dentre os fatores que davam sustentação à prática dos curandeiros, em especial a sua fama, estavam articulados os apelos, os “métodos” e a “espiritualidade” do próprio cliente.

Como ressalta Keith Tomas:

Muitos curandeiros são capazes de obter grande êxito ao tratarem de pacientes com sintomas somáticos, sem qualquer patologia orgânica. Ele curava seus pacientes mais pela mente do que pelo corpo e seus métodos antecipavam estudiosos dos males psicossomáticos.⁴

O foco da nossa pesquisa recai sobre o período correspondente aos anos 40 e 50 no Brasil, tendo como referência alguns destaques ocorridos no estado de São Paulo, mas que podem oferecer uma amostra do que ocorria em outros Estados brasileiros. No entanto, antes de adentrarmos nessa questão específica de combate aos curandeiros no período citado consideramos relevante retomar aqui como essas medidas de controle foram usados em outras épocas e influenciaram as tentativas de burlar as atividades dos profissionais de medicina popular.

Para tanto é imprescindível destacarmos que foi a partir dos anos 30, que se intensificou no Brasil um verdadeiro projeto de reorganização da sociedade brasileira, com vistas ao “progresso industrial”, que fazia parte dos interesses da burguesia no

⁴ THOMAS, Keith. *Religião e Declínio da Magia: crenças populares na Inglaterra séculos XVI e XVII*. SP. Cia das Letras, 1991.

nosso país. Neste sentido, com o projeto de modernização dos estudos medicinais foi aberta uma verdadeira campanha com o intuito de propagar a importância dada à saúde pública em detrimento da medicina popular.

Nota-se, portanto, a existência de um verdadeiro embate no campo da redução da sociedade brasileira. A população possuía suas próprias crenças e valores, mas a cultura dominante buscava de todas as maneiras deturpar suas práticas e valores impondo-lhe aquilo que considerava pertinente.

Neste sentido, a propaganda publicitária trazia estampado em revistas e jornais vários relatos, discursos médicos ressaltando a importância de cuidar do corpo preservando a saúde do mesmo, mantendo uma higiene regularmente controlada. Além da propagação dessas idéias as campanhas publicitárias, em sua maioria, traziam embutidos em seus discursos a figura do curandeiro sempre atrelado ao charlatão, ou seja, àquela pessoa que agia de má fé, que dizia curar pelas orações ou benção, como relata o autor Duarte de Carvalho:

Ao folhear alguns jornais do período, notei que as questões relativas à saúde pública e às práticas populares de medicina apreciam com relativa constância naquelas publicações. Notadamente, as notícias de prisão e condenação aos curandeiros despertaram-me a curiosidade, uma vez que nos dias de hoje quase não é um tema abordado pela imprensa.⁵

No entanto, é importante destacarmos que os curandeiros, os benzedeiros, ou as pessoas que se dedicaram à medicina popular, tinham uma relação muito significativa com a população, obtinham uma aceitação estritamente favorável, pois estavam mais próximas das pessoas, de seis males muitas vezes não só do “corpo”, mas da “alma”. Esse tipo de medicina parecia contar com grande prestígio junto às populações de baixa renda, tanto no que se refere ao diagnóstico quanto no tratamento das doenças.

Em muitas ocasiões não é exclusivamente a falta de recursos econômicos do paciente que esta por trás dessa prática, mas uma crença popular, uma visão do mundo, do organismo e da saúde em

⁵ CARVALHO, Antônio Carlos Duarte de. Curandeirismo e Medicina: Práticas Populares e Políticas Estatais de Saúde em São Paulo nas Décadas de 40 e 50. Ed. UEL. Londrina, 1999.

parte incompatível com a medicina legitimada pelos cânones da ciência.⁶

No âmbito da reeducação da população são tomadas algumas medidas para combater o ofício dos curandeiros. Para isso até mesmo algumas produções intelectuais na época foram elaboradas, além de leis que puniam essas pessoas, como veremos adiante. Para os médicos, só quando as pessoas, ou as classes populares, se tornassem mais cultas, este problema da busca aos curandeiros poderia ser resolvido. A grande preocupação deles era que oitenta por cento da população na época em questão, ou seja, os anos 40, 50, preferiam os médicos populares.

Para conseguirem substituir a medicina popular pela tradicional, além dos projetos de reeducação da população citados anteriormente, passaram a contar com o apoio da legislação, de policiais e delegacias especializadas em prender curandeiros e benzedores nas grandes cidades e municípios do interior.

Devido a todas essas políticas de controle social, bem como as de modernização do país, a prática do Curandeirismo foi sendo cercado de tal maneira que se tornou difícil sua realização no período em questão. No entanto, apesar das dificuldades e das tentativas de eliminá-la, ela pôde continuar prevalecendo como uma alternativa de cura para muitas mazelas daqueles que a buscavam.

É certo que a persistência da “medicina popular” em grandes centros urbanos, assim como em cidades interioranas demonstra – que ela não é exclusivamente fruto do isolamento geográfico ou da falta de atenção médica. Ela é também uma alternativa possível às longas filas de hospitais a espera de atendimento e às receitas inacessíveis dos médicos.

Deve-se destacar que a crença na eficácia das técnicas utilizadas pelo curandeiro não tem como consequência uma rejeição da medicina oficial, bem como as práticas exercidas pelo médico e pelo o “benzedor” são vistas como absolutamente antagônicas. “A desconfiança que as classes populares muitas vezes apresentam não

⁶ LOYOLA, Maria Andrea. Medicina Popular. Ed. Graal, 1984.

recai sobre o saber médico propriamente dito, mas talvez na maneira como se dá o atendimento da medicina científica”.⁷

Além do mais, aos olhos dos membros das camadas de baixa renda que normalmente recorrem aos seus serviços, o “curandeiro” não é somente o “médico” que pertence a sua classe social, fala sua linguagem e compartilha com ele sua visão do mundo e suas representações sobre a doença e a saúde, mas é sobretudo aquele que o aborda em sua totalidade, ou seja, aquele que procura acalantar, além de seu corpo, também sua alma.

O ofício da benzeção sintetiza um dos momentos concretos e possíveis em que apareceu o confronto popular / erudito, principalmente no início dos anos quarenta, primeiro no Estado de São Paulo e posteriormente no Paraná, mostrando as relações entre cultura popular e políticas estatais de saúde.

Dessa forma, a proposta de criminalização das práticas populares de medicina tentou destruir as condições de seu exercício, porém, ao contrário do que se pretendia, a extinção das atividades dos curandeiros não foi alcançada.

De uma forma ou de outra a benzeção é veiculada por meio de um profundo respeito pela vida, de uma forte valorização da solidariedade, da defesa da natureza ao recuperar as plantas saudáveis para reproduzir curas e pela proximidade nas longas e calorosas conversas. Com o partilhar dessas experiências, ela multiplica o seu saber, reduzindo a angústia de seu cliente.

Resumido, dentro desta prática popular conhecida como “Curandeirismo”, muitas vezes sem o saber, esses especialistas de cura definem dentro da sociedade em que vivem, umas posições respeitadas através da atividade concreta do ofício que exercem, revelando aos seus clientes que no campo da saúde, por mais que os médicos os hostilizem, não há uma única e ideal forma de lidar com as doenças, as angústias e as aflições. A benzeção, de certa forma, também pode constituir uma delas.

⁷ OLIVEIRA, Elda Rizzo de. Eficácia simbólica de cura e razão analógica. Disponível em <<http://www.ipetrans.hpg.ig.com.br>> Acesso e, 02 set. 2003.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERCITO, Sonia de Deus Rodrigues. **O Brasil na década de 1940**. São Paulo: Ed. Ática, 2002.

BETTENCOURT, Estevão. **A Inquisição no Brasil**. Disponível em: <<http://www.geocities.com.br>> Acesso em 18 nov. 2003.

BOYD, Doug. **Místicos, mágicos e curandeiros**. Porto Alegre: L&PM, 1993.

CARDOSO, Ciro Flamarion. & VAINFAS, Ronaldo. **Domínios da História. Ensaios de Teoria e Metodologia**. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

CARVALHO, Antônio Carlos Duarte de. **Curandeirismo e Medicina: Práticas Populares e Políticas Estatais de Saúde em São Paulo nas décadas de 40 a 50.** Ed. UEL. Londrina, 1999.

CUNHA, Maria Clementina da. **O espelho do mundo – Juquery. A História de um asilo.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

DE DECCA, Edgar. **O nascimento das fabricas.** São Paulo: Brasiliense, 1984.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder.** Rio de Janeiro: Edição Graal, 1979.

GERMINIANI, Haudrey. **Profissionais do sagrado: Religião, Magia e consumo.** Disponível em: <<http://www.ipetrans.hpg.ig.com.br>> Acesso em 02 set. 2003.

GOMES, Maria Ângela e D'ARAÚJO, Maria Celina. **Getulismo e Trabalhismo.** São Paulo: Ed. Ática, 1999.

GOULD, Stephen Jay. **Pilares do Tempo: Ciências e religião na plenitude da vida.** Rio de Janeiro: Rocco, 2002.

GUIMARÃES, Reinaldo. **Saúde e Medicina no Brasil: contribuição para um debate.** Rio de Janeiro: Ed. Graal, 4ª ed. 1984.

LE GOFF, Jacques et al. **A nova história.** Trad. Ana Maria Bessa. Lisboa: Edições 70, S/d (lugar da História, 1).

_____. **História e memória.** 2ª ed. Trad. Suzana Ferreira Borges. Campinas: UNICAMP, 1992.

LIMA, Lana L. da, César Teixeira Homonato, Marilda Correa Ciribeli, Francisco Carlos Teixeira Lima (organizador). **História e Religião.** RJ: FAPERJ: Maud, 2002.

LOYOLA, Maria Andrea. **Medicina Popular.** Ed. Graal, 1984.

MATOS, Maria Zilda. **Trama e poder.** Rio de Janeiro: Letras, 2002.

MAUSS, Francis. **A cura desde os primórdios da humanidade.** Disponível em: <<http://www.Livrosantos.com.br>> Acesso em 25 nov. 2003.

MEDINA, Cremilda de Araújo. Entrevista – **O diálogo possível.** São Paulo: Ed. Ática, 2002.

OLIVEIRA, Elda Rizzo de. **Eficácia simbólica de cura e razão analógica.** Disponível em <<http://www.ipetrans.hpg.ig.com.br>> Acesso em 02 set. 2003.

_____. **O que é benzeção.** Ed. Brasileira, 1985.

RAGO, Margareth. **Do Cabaré ao Lar: A utopia da cidade disciplinar.** RJ: Ed. Paz e Terra, 1986.

RODRIGUES, Marly. **A Década de 50 – Populismo e metas desenvolvimentistas no Brasil**. São Paulo: Ed. Ática, 2002.

SILVA, Zélia Lopes de. **A domesticação dos trabalhadores**. São Paulo: Marco Zero, 1996.

_____. **A sedução do moderno**. Londrina: Eduem, 1999.

SOUZA, Laura de Mello e. **O diabo e a Terra de Santa Cruz: feitiçaria e religiosidade popular no Brasil colonial**. São Paulo: Cia das Letras, 1986.

THOMAS, Keith. **Religião e o Declínio da Magia: crenças populares na Inglaterra séculos XVI e XVII**. SP. Cia das Letras, 1991.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado: historia oral**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.